

**UMA CRÍTICA DECOLONIAL NO CONTEXTO DE UMA
UNIVERSIDADE ORIENTADA PARA A COOPERAÇÃO SUL-SUL:
UM ESTUDO ETNOGRÁFICO INSTITUCIONAL**

Submetido em: 9/2/2024

Aceito em: 4/2/2025

Publicado em: 23/4/2025

Fabiana Pinto de Almeida Bizarria¹

Ana Sílvia Rocha Ipiranga²

PRE-PROOF

(as accepted)

Esta é uma versão preliminar e não editada de um manuscrito que foi aceito para publicação na Revista Contexto & Educação. Como um serviço aos nossos leitores, estamos disponibilizando esta versão inicial do manuscrito, conforme aceita. O manuscrito ainda passará por revisão, formatação e aprovação pelos autores antes de ser publicado em sua forma final.

<https://doi.org/10.21527/2179-1309.2025.122.15640>

RESUMO

A pesquisa visa compreender um projeto de universidade orientado para cooperação Sul-Sul, captado sob a lente das práticas institucionais em tensionamentos à luz da (de)colonialidade. Considerou-se o método etnográfico institucional crítico que produziu uma compreensão baseada em três dimensões: (i) cenário de reafirmação da missão institucional até o ano de 2014; (ii) agenda propositiva no terreno da integração regional a partir de 2014; (iii) referência às concepções ‘excelência’, ‘desempenho’ e ‘qualidade’ acionados à abertura de cursos de pós-graduação *stricto sensu* e ênfase a lógica da permanência discente após 2016. Discute-se sobre a base conceitual, teórica e normativa situada em uma institucionalidade documental, de maneira a se compreender sobre o que se pretende com o uso dos conceitos ‘excelência’,

¹ Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC/MG. Belo Horizonte/MG, Brasil.

<https://orcid.org/0000-0001-8365-8593>

² Universidade Estadual do Ceará – UECE. Fortaleza/CE, Brasil. <https://orcid.org/0000-0001-8095-6800>

**UMA CRÍTICA DECOLONIAL NO CONTEXTO DE UMA
UNIVERSIDADE ORIENTADA PARA A COOPERAÇÃO SUL-SUL:
UM ESTUDO ETNOGRÁFICO INSTITUCIONAL**

‘desempenho’ e ‘qualidade’, na perspectiva da construção de agendas decoloniais. As práticas institucionais etnograficamente descritas com base em uma perspectiva crítica decolonial amplia uma ‘leitura’ sobre os desafios institucionais, suscitando considerações sobre desdobramentos de suas práticas a partir de leituras relacionadas ao ‘neorracismo’, ‘nacionalismo’ e ‘patriotismo’.

Palavras-chave: Práticas Universitárias, Decolonialidade, Tensionamentos Institucionais.

**A DECOLONIAL CRITIQUE IN THE CONTEXT OF A UNIVERSITY ORIENTED
TOWARDS SOUTH-SOUTH COOPERATION: AN INSTITUTIONAL
ETHNOGRAPHIC STUDY**

ABSTRACT

The research aims to understand a university project oriented towards South-South cooperation, captured through the lens of institutional practices in tension in the light of (de)coloniality. The critical institutional ethnographic method was considered, which produced an understanding based on three dimensions: (i) a scenario of reaffirmation of the institutional mission until 2014; (ii) a propositional agenda in the field of regional integration from 2014 onwards; (iii) reference to the conceptions of ‘excellence’, ‘performance’ and ‘quality’ triggered by the opening of stricto sensu postgraduate courses and an emphasis on the logic of student permanence after 2016. It discusses the conceptual, theoretical and normative basis situated in a documental institutionality, to understand what is intended utilizing the concepts ‘excellence’, ‘performance’ and ‘quality’, from the perspective of building decolonial agendas. The institutional practices described ethnographically, based on a critical decolonial perspective, broaden a ‘reading’ of the institutional challenges, giving rise to considerations about the unfolding of their practices from readings related to ‘neo-racism’, ‘nationalism’ and ‘patriotism’.

Keywords: University Practices, Decoloniality, Institutional Tensions.

**UMA CRÍTICA DECOLONIAL NO CONTEXTO DE UMA
UNIVERSIDADE ORIENTADA PARA A COOPERAÇÃO SUL-SUL:
UM ESTUDO ETNOGRÁFICO INSTITUCIONAL**

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, o pensamento decolonial atuante no campo universitário tem agregado importantes discussões com demandas por mudança estruturais, sobretudo, nas agendas atentas aos grupos historicamente situados à margem como aqueles relacionados ao gênero, raça e ou os grupos compostos por pessoas com necessidades especiais (Stanek, 2019).

Decolonizar a universidade envolve questões que problematizam a matriz eurocêntrica do fazer universitário, incluindo reflexões sobre currículo, disciplinas e abordagens pedagógicas (Marsh, 2022; Le Grange, 2021; Arday; Mirza, 2019; Cupples, 2019; Bhambra et al., 2018). Esses processos ao se basearem na perspectiva da decolonialidade do conhecimento (McAteer; Wood, 2018), envolvem práticas variadas em forma e conteúdo (Martinez-Vargas, 2020; Marsh, 2022), orientadas pelo princípio de uma justiça cognitiva (Santos, 2017).

Nesse caminho, são reivindicadas questões relacionadas aos universalismos que naturalizaram diferenças entre o Norte e o Sul, no sentido do (re)conhecimento de saberes situados na pluralidade de concepções e significados que se contrapõem aos colonialismos, à ciência moderna da não ciência, situando-se crítico à globalização e às suas consequências (Grosfoguel, 2012; Meneghel; Amaral, 2016). O processo colonial sustentado pela produção científica dos centros do Norte naturalizou a dominação por meio de ‘epistemicídeos’, com suporte em um projeto universal de homogeneização de ideias como as de civilização e desenvolvimento, entre outras (Grosfoguel, 2012; Santos; Meneses, 2009, Santos, 2016),

O cenário da ‘decolonização’ no campo universitário reconhece movimentos contra-hegemônicos que situam as ideias de autonomia e libertação (Giurleo, 2014), com uma proposta crítica desde a perspectiva de reinventar a emancipação social (Bonet, 2010), inspiradas, por exemplo, no projeto Epistemologias do Sul, que situa os quadros de dominação da modernidade ocidental (Salatino, 2014; Mignolo, 2017; Santos, 2016).

Nesse horizonte, se reconhece que os países considerados periféricos, associados ao colonialismo, experimentaram processos organizativos e práticas educativas baseadas na importação que enseja consequências problemáticas à colonialidade do saber, face a dependência acadêmica e intelectual e a colonialidade do ser na perspectiva da dependência ontológica (Alatas, 2003; Dussel, 2016; Quijano, 2009). Esses processos naturalizaram concepções e práticas associadas à negação de saberes epistemologicamente diferentes (Mignolo, 2017), questão central para os estudos pós-coloniais ao centralizar críticas à

**UMA CRÍTICA DECOLONIAL NO CONTEXTO DE UMA
UNIVERSIDADE ORIENTADA PARA A COOPERAÇÃO SUL-SUL:
UM ESTUDO ETNOGRÁFICO INSTITUCIONAL**

racionalidade moderna e suas implicações sobre a negação da diversidade de saberes (Meneses, 2008).

Face ao enfrentamento ao modelo intelectual e político assumido como global nos últimos séculos (Stanek, 2019; Márquez-Fernández, 2012) os desdobramentos dos movimentos pela ‘decolonização’ no campo universitário: (i) ampliaram a atenção às culturas periféricas ao desvelar histórias do mundo com base em um diálogo intercultural e simétrico entre pensadores do Sul-Global (Dussel, 2016); (ii) reconheceram à necessidade de projetos que objetivem a decolonialidade do conhecimento (Mignolo, 2014); (iii) tornaram tangíveis práticas emergentes que situem as variações epistêmicas existentes (Meneses, 2008).

A Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), contexto desse estudo, criada em 2010 pela Lei brasileira nº 12.289, situada nos Municípios de Redenção e Acarape, Estado do Ceará, e São Francisco do Conde, Estado da Bahia, emerge como projeto de universidade decolonial e afrocentrada (Mendes; Cambanco; Bacurim, 2021). O projeto volta-se para o mundo lusófono (Diógenes; Aguiar, 2013), em ascensão junto aos pesquisadores das ciências humanas e sociais (Lanza; Rodrigues; Curto, 2016). Se constitui, ainda, a partir de estratégias de parcerias Brasil-África (Barros; Nogueira, 2015), em contexto de expansão do acesso à educação superior projetada pelo Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), instituído pelo Decreto n. 6096, em 2007.

A Unilab é representada como projeto inovador no sentido de sua perspectiva epistemológica (Bizarria et al., 2020), com uma proposta intercultural que visa à solidariedade baseada em diálogo de saberes (Carvalho Filho; Ipiranga; Faria, 2017, Gomes, 2021), afroreferenciadas em sua perspectiva formativa (Moraes; Silva; Carneiro, 2022), com modelo institucional alternativo ao tradicional, visando formação cidadã-crítica, com atenção aos debates sobre o reconhecimento das diferenças (Meneghel; Amaral, 2016). A proposta de internacionalização da Unilab se orienta a partir da cooperação Sul-Sul, entre o Brasil e os Países Africanos da Língua Oficial Portuguesa (PALOP's) e o Timor-Leste na Ásia (Mendes; Cambanco; Bacurim, 2021).

Na perspectiva dos processos organizativos, as tensões se configuram na perspectiva de contracorrente, face ao modelo de instituição tradicional, com inspiração em conhecimentos historicamente institucionalizados (Meneghel; Amaral, 2016). A Unilab reflete tensões

**UMA CRÍTICA DECOLONIAL NO CONTEXTO DE UMA
UNIVERSIDADE ORIENTADA PARA A COOPERAÇÃO SUL-SUL:
UM ESTUDO ETNOGRÁFICO INSTITUCIONAL**

relacionadas às políticas de integração dos povos, considerando desafios relacionados ao compromisso dos corpos técnico, docente e gestor com o projeto; bem como às alternâncias de projeto político no Brasil, com repercussões relativas à descontinuidade administrativa atrelada à pro-temporalidade, incluindo sucessivas mudanças de Reitor e, conseqüentemente, agendas e prioridades institucionais (Malomalo; Lourau; Souza (2018; Souza; Malomalo, 2016).

Adentrando ao campo dos processos que configuram a institucionalidade da Universidade sob a lente da decolonialidade, as práticas organizativas e de gestão revelam importantes horizontes de análises (Bizarria et al., 2020). Referem-se compreensões sobre práticas em tensionamentos na perspectiva do diálogo intercultural no/do cotidiano no “contexto de práticas sociais constituídas ou a constituir, [quando] emergem as questões postas aos vários saberes em presença” (Santos, 2009, p. 471). Nesse terreno, as práticas podem ser apreendidas a partir de uma ecologia de saberes, quando “[...] se calculam as oportunidades, se medem os riscos, se pesam os prós e os contras” (Santos, 2009, p. 473).

No campo dessas práticas, portanto, considerar as tensões reflete a dinâmica de análise sobre a dimensão crítica e decolonial a partir do exercício “autoindulgente de uma *illusio*”, para sustentar “uma verdadeira universidade da integração” (Vasconcelos; Mariz, 2022, p. 60). Por outro lado, o projeto Unilab supõe um contexto político em que a orientação da superação do racismo alinha-se à emancipação social, exigindo políticas públicas e práticas voltadas à garantia de condições reais de igualdade (Lavor; Mazzarino, 2022).

Os tensionamentos das práticas cotidianas no horizonte decolonial se afirmam em práticas artesanais, face à tessitura do fazer autor-referenciado, na perspectiva de processos epistemologicamente inovadores. Artesanalmente a Universidade se constitui, sendo a institucionalidade resultante da (in)capacidade dos saberes, quando confrontados com as problemáticas e desafios desse cotidiano (Santos, 2009). Assim, a Unilab, como projeto inovador, se configura como uma experiência para compreensão das tensões inerentes à ‘decolonização’ da instituição universitária.

No caminho de um projeto epistemológico alternativo, têm-se que “[...] a superioridade de um dado saber deixa de ser definida pelo nível de institucionalização e profissionalização desse saber, para passar a ser definida pelo seu contributo pragmático para uma dada prática” (Santos, 2009, p. 472). Artesanias das práticas, na perspectiva de Santos (2009), se aproxima ao exercício de dar visibilidade aos resultados dos tensionamentos

**UMA CRÍTICA DECOLONIAL NO CONTEXTO DE UMA
UNIVERSIDADE ORIENTADA PARA A COOPERAÇÃO SUL-SUL:
UM ESTUDO ETNOGRÁFICO INSTITUCIONAL**

cotidianos, considerando os saberes silenciados ausentes, como: (i) “[...] alternativas que cabem no horizonte das possibilidades concretas” (Santos, 2007a, p. 256); (ii) práticas derivadas de diálogos, reconhecendo “os sinais, as pistas, latências, possibilidades que existem no presente [...] e que são ‘descredibilizadas’” (Santos, 2007b, p. 37).

Parte desse processo, a institucionalização das práticas tecidas no cotidiano no contexto das tensões de um projeto inovador situado no campo decolonial, resultante da artesanaria das práticas, pode conferir sentido aos desafios da contracorrente, dando visibilidade aos silêncios (ausências) e às práticas alternativas emergentes. Compreender esses processos envolve acessos às práticas, no campo dos resultados nos documentos institucionais e no horizonte de sua constituição, face aos diálogos do/no fazer universitário.

Esta pesquisa teve como objetivo compreender um projeto de universidade orientado para cooperação Sul-Sul, captado sob a lente das práticas institucionais em tensionamentos à luz da (de)colonialidade.

Em termos teóricos e metodológicos foi utilizada a etnografia institucional crítica (Beck, Iieva; Pullman; Zhang, 2013). Considerando as problemáticas da decolonialidade relacionadas à perspectiva de práticas descritas em contextos institucionais, a etnografia institucional crítica proposta nesse estudo se alinhou à orientação metodológica decolonial (Thambinathan; Kinsella, 2021) a partir da etnografia institucional (Silverman, 2009; McGibbon; Peter; Gallop, 2010) e da etnografia crítica (Brunner 1994; Van Maanen, 1988; Anderson, 1989; Erickson, 2018).

Segundo Silverman (2009, p. 71) os etnógrafos institucionais nem sempre observam diretamente as práticas in loco, pois trabalham com artefatos culturais, como textos escritos ou registros documentais institucionais que podem ser acessados, muitas vezes mediados tecnologicamente (Geiger; Ribes, 2011). A prática etnográfica que se debruça em artefatos também pode ser observada na discussão de Decker (2013) e Lopes e Ipiranga (2021) sobre etnografia em arquivos históricos, colocada como um caminho analítico para as pesquisas nas organizações. Com base nestas posições e considerando o período de 2011 a 2021, o *corpus* documental foi constituído por 11(onze) relatórios de gestão produzidos anualmente pela Unilab, tendo sido, posteriormente, auditados pelo Tribunal de Contas da União.

**UMA CRÍTICA DECOLONIAL NO CONTEXTO DE UMA
UNIVERSIDADE ORIENTADA PARA A COOPERAÇÃO SUL-SUL:
UM ESTUDO ETNOGRÁFICO INSTITUCIONAL**

**PRÁTICAS UNIVERSITÁRIAS ORGANIZATIVAS E A ABORDAGEM DAS
INSTITUCIONALIDADES DECOLONIAIS TENSIONADAS**

Dentre variados debates sobre o Ensino Superior no século XXI, a Universidade moderna, com raízes no Iluminismo anglo-europeu, reflete a modernidade ocidental em contexto de validação do *modus operandi* institucional e formativo em prol do desenvolvimento, que desempenhou importante papel na expansão imperial e colonização dos povos e culturas (Omodan, 2020).

Em referência à Stein e Andreotti (2016), Omodan (2020) reflete sobre uma possível transformação que evidencie a pauta da modernidade, como agenda da colonização, que sustenta a narrativa que justifica a perpetuação do saber-fazer eurocêntrico, em processos organizativos pouco dialógicos. O debate se apresenta em cenário que problematiza o reconhecimento das universidades em contexto competitivo, baseado em métricas e rankings nacionais e internacionais (MacAteer; Wood, 2018).

Nesse campo dos processos organizativos da gestão, Faria, Abdalla e Guedes (2021), reconhecem desafios à face patriarcal, colonial e racista, em perspectiva neoliberal no desenho conceitual e nas práticas cotidianas, considerando a renovação de narrativas imperialistas, discursos liberalistas, de matriz excludente, que imprimem hierarquias entre os saberes e os povos, com repercussões no campo da subalternidade. Considerando as leituras de Parmar (2019) e Young (2001), Faria, Abdalla e Guedes (2021) acrescentam que as Universidades assumem papel importante nesse processo, com incorporação das teorias pós-modernas e pós-coloniais em apropriações e contenções pela lógica neoliberal que as instituem.

Faria, Abdalla e Guedes (2021, p. 563) ressaltam, ainda, a necessidade de o campo da gestão em Universidades (re) considerar a co-construção do campo, com suporte no engajamento ativado pelo diálogo epistêmico, comprometido com a defesa da decolonialidade como projeto emancipatório, “crítico-realista, dentro e fora da universidade”, como, por exemplo, em “suas escolas de negócios-gestão”. Nesse contexto, a defesa da pluralidade se afirma no reconhecimento dos tensionamentos no sentido de transpor a lógica abissal (Santos; Araújo; Baumgarten, 2016), ante o exercício de tradução intercultural atuando como “[...] suporte epistemológico às práticas emancipatórias” (Santos, 2002, p. 206).

Para avançar na compreensão dos desafios relativos à universidade orientada à decolonização, o movimento de apropriação reconhecido por Faria, Abdalla e Guedes (2021)

**UMA CRÍTICA DECOLONIAL NO CONTEXTO DE UMA
UNIVERSIDADE ORIENTADA PARA A COOPERAÇÃO SUL-SUL:
UM ESTUDO ETNOGRÁFICO INSTITUCIONAL**

também é compreendido à luz da dependência acadêmica, ou do colonialismo acadêmico (Alatas, 2003), face à institucionalização de práticas em tensionamentos favoráveis à lógica dominante, com inteligibilidade instituída por diretrizes nacional e internacionalmente referenciadas, através da Organização das Nações Unidas, do Banco Mundial e da Organização Mundial do Comércio, Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico, reproduzidas em instâncias públicas, como universidades e os ministérios responsáveis pela educação, ciência e tecnologia (Salatino, 2014; Subramaniam; Perrucci; Whitlock, 2014; Sabea; Beigel, 2014).

Com práticas institucionais resultantes de séculos de opressão, no âmbito das universidades pode-se, por um lado, pender para a questão de quem possui maior capital científico e, com isso, propiciar novas estruturas de resistências (Beigel, 2014, 2016), resultante em obstáculos importantes, incluindo o desafio de reconhecer o que se produz fora do circuito eurocentrado (Connell, 2012). O debate problematiza a ‘indigenização’ das ciências sociais (Ndlovu, 2017), difundida após os anos de 1980 (Bhambra, 2014).

Sendo a ciência, comprovadamente “[...] a única característica distintiva da civilização ocidental (...) entendê-la é uma parte importante da luta com a influência que ela possui sobre outras culturas, que seja boa ou ruim” (Rosenberg, 2013, p. 33). Nesse sentido, são variadas as forças desse tensionamento, que refletem, sobretudo, nos processos decisórios, em que a colonialidade do saber e do poder se apresentam tanto em plano político como institucional.

Nesse contexto colonial, o fazer acadêmico potencializa uma ação indireta em relação à dependência acadêmica (Alatas, 2003, 2010), como, por exemplo, as viagens de intelectuais periféricos para obter conhecimento avançado nas metrópoles, publicar em seus *journals* e “juntar-se aos “*invisible colleges*”” (Connell, 2012, p. 11), em busca da ‘ciência de excelência’. Essas práticas reproduzem o circuito (Halfman; Radder, 2015), com vistas a melhorar o prestígio e o acesso a mais recursos (Subramaniam; Perrucci; Whitlock, 2014), seguindo protocolos de ranques internacionais de reputação e circulação de conhecimento (Beigel, 2014, 2016). Tais movimentos contribuem para disseminar desigualdades, exclusões e distorções (Roberts; Connell, 2016), desfavorecendo o movimento da solidariedade acadêmica em função da competição (Patrus; Dantas; Shigaki, 2015).

**UMA CRÍTICA DECOLONIAL NO CONTEXTO DE UMA
UNIVERSIDADE ORIENTADA PARA A COOPERAÇÃO SUL-SUL:
UM ESTUDO ETNOGRÁFICO INSTITUCIONAL**

Nesse contexto do processo organizativo da gestão universitária resta, portanto, reconhecer que os tensionamentos atravessam a lógica dominante, universalizante, hierárquica, de globalização neoliberal, que impõe os valores dos países desenvolvidos aos Estados em desenvolvimento (Dias, 2014). Em uma posição emergente, em contracorrente, o movimento de ‘decolonização’ epistêmica (Mignolo, 2017), problematiza a limitada capacidade de abordar adequadamente processos relativos ao poder, as questões raciais e de colonialidade por parte da ciência de tradição eurocêntrica (Bhambra, 2014).

No entanto, é no fazer cotidiano que esses tensionamentos são evidenciados, quando os saberes em diálogo “se interpelam, questionam e avaliam (...)”. (Santos, 2009, p. 471). Nesse caminho, de projetos às práticas institucionais (organizativas institucionalizadoras), “[...] o discurso organizacional [supõe] ações comunicativas e propriedades estruturais, recursivamente intermediadas pela interpretação intersubjetiva dos atores envolvidos” (Machado-Da-Silva; Fonseca; Crubellate, 2005, p. 33), quando “se rompe o pretenso dualismo entre permanência e mudança” (Machado-Da-Silva; Fonseca; Crubellate, 2005, p. 30), com “[...] o estabelecimento de pontes significativas em relação aos conceitos subjetivo e objetivo” (Machado-Da-Silva; Fonseca; Crubellate, 2005, p. 12).

(Re)conhecer a artesanania dessas práticas em tensionamentos na institucionalização de uma Universidade em perspectiva decolonial é uma parte do processo de ‘descolonização’ das ciências, universidades e escolas, ao se problematizar discursos e conhecimentos, imersos em processos criativos (Santos; Corrêa, 2022; Santos, 2019). Considerando o desafio de reconhecimento do que se produz fora do circuito Metrôpole-Centro, a artesanania das práticas envolve, portanto, ensaiar compreensões em contexto de traduções interculturais (Chagas; Filcreão, 2022).

Partir para práticas emergentes no campo universitário à luz da decolonialidade, ainda, evidencia o lugar do(a) pesquisador(a) como ator frente às tensões em diálogos, na perspectiva de traduções mediadas pelo olhar subjetivo e (re)conhecimento dos estranhamentos, face às crenças inerentes ao ser que se apresenta histórico e socialmente situado, incômodo que merece maior atenção, “[...] como uma fonte adicional de conhecimento ou como alicerce para este” (Bourdieu; Chamboredon; Passeron, 2002, p.156).

Com isso, análises sobre práticas no/do campo decolonial podem ser reconhecidas no horizonte das recomendações de Chalmers (1994, p. 121), sobre a “[...] insuficiência de

**UMA CRÍTICA DECOLONIAL NO CONTEXTO DE UMA
UNIVERSIDADE ORIENTADA PARA A COOPERAÇÃO SUL-SUL:
UM ESTUDO ETNOGRÁFICO INSTITUCIONAL**

atenção dada às crenças dos cientistas quando se tenta caracterizar a ciência”, posto que, “raramente estamos em posição de avaliar o que são realmente as convicções dos cientistas” (Chalmers, 1994, p. 122). Ao passo que, conseqüentemente, se for “inconsciente em relação à problemática implicada em suas perguntas, privar-se-á de compreender a problemática que os sujeitos implicam em suas respostas” (Bourdieu; Chamboredon; Passeron, 2002, p. 57).

O(a) pesquisador(a), portanto, considerando seus estranhamentos frente aos tensionamentos no/do contexto (de) colonial, poderá acessar o campo a partir da implicação, em atenção às suas impressões, vigilante às suas convicções em diálogo com o campo. Nesse contexto, esse(a) pesquisador(a) participante, em referência à Haguette (2001), precisa de flexibilidade, para procurar sentidos e compreensão que “depende de intuições criativas” (Gaskell, 2002, p. 86).

O esforço de pesquisa para compreender práticas em contexto decolonial, portanto, poderia ser empreendido por metodologias com abertura às leituras sociais e culturais favoráveis à elucidação de processos em disputas, com análises capazes de aprofundar a tessitura das práticas (Schatzki, 1996), ampliando significados à luz da relação pesquisador(a)-construção de dados-campo com o (re)conhecimento de entrelaçamentos que se apresentam nas descrições das práticas em investigação.

Esse movimento confere o que é definido por Thambinathan e Kinsella (2021) como *práxis* transformadora, em reflexão sobre metodologias decolonizadoras nas pesquisas de natureza qualitativa, no caminho de: (i) exercitar a reflexividade crítica, da (ii) reciprocidade e respeito pela autodeterminação, de (iii) abraçar “Outros” formas de saber, e de (iv) encarnar uma *práxis* transformadora. Nesse contexto, as metodologias de caráter participativo, como as etnografias, podem contribuir com o movimento de decolonizar a pesquisa, diversificando as práticas na perspectiva de aprofundar estranhamentos e tensões no/com/a partir do campo (Martinez-Vargas, 2020), discussões estas que serão aprofundadas a seguir.

METODOLOGIA

A etnografia inspirada em seus primórdios em Geertz (2008) e em Malinowski (1922) foi entendida não apenas como metodologia, mas como um esforço intelectual compreensivo sobre crenças, práticas e culturas, que habilita o(a) pesquisador(a) a analisar tensões em entrelaçamentos, como teias, na busca de significados que se organizam em mapeamentos e

**UMA CRÍTICA DECOLONIAL NO CONTEXTO DE UMA
UNIVERSIDADE ORIENTADA PARA A COOPERAÇÃO SUL-SUL:
UM ESTUDO ETNOGRÁFICO INSTITUCIONAL**

descrições. Por outro lado, e segundo Angrosino (2009), a principal abordagem dos etnográficos críticos se centra no desenvolvimento de epistemologias de múltiplas perspectivas, representando um desafio explícito aos pressupostos tradicionais.

Para Silverman (2009, p. 79) a etnografia institucional, sobretudo, em organizações visa compreender “o que acontece com os indivíduos em estruturas maiores de práticas institucionais”. Assim, as institucionalidades são compreendidas como resultantes das relações sociais organizativas que coordenam esses processos, considerando os contextos sociopolítico, econômico e culturais (McGibbon; Peter; Gallop, 2010).

No caminho da etnografia institucional, os etnógrafos nem sempre observam diretamente as práticas, pois “trabalham com artefatos culturais, como textos escritos ou registros de estudos de interações que não observam em primeira mão” (Silverman, 2009, p. 71). Assim, registros institucionais podem ser acessados, reconhecendo “[...] a proliferação de documentos e vestígios documentais em tais sistemas, altamente mediados tecnologicamente” reconhecendo que “os rastros não apenas documentam eventos, mas também são usados pelos próprios participantes para coordenar e responsabilizar muitas atividades” (Geiger; Ribes, 2011, p. 1). A dinâmica etnográfica que se debruça em artefatos também pode ser observada na discussão de Lopes e Ipiranga (2021) e Decker (2013) sobre etnografia em arquivos históricos, como caminho analítico em estudos organizacionais.

Considerando a orientação decolonial da pesquisa qualitativa, como defendem Thambinathan e Kinsella (2021), a etnografia institucional também pode assumir a dimensão crítica, com inspiração no movimento das ciências sociais críticas, como descrito por Brunner (1994) em referência à Van Maanen (1988) e à Anderson (1989). Nesse caso, os documentos são considerados a partir do horizonte emancipatório, com potencial para desvelar construções sociais dominantes e problemáticas de exclusão e de repressão, a partir de interesses representados.

Para Erickson (2018) o termo “etnografia crítica” recorre à escola de Frankfurt, com referência ao movimento de discussão sobre o capitalismo, o fascismo e a lógica de mercado. Descreve que a dimensão crítica situa uma posição assumida pelo etnográfico de não neutralidade, engajado solidariamente com as tensões emergentes a partir das relações com o campo. Segundo Семигіна (2022) o método emerge da intensificação dos movimentos sociais, e das ideias da pedagogia crítica voltadas para o esclarecimento coletivo de grupos

**UMA CRÍTICA DECOLONIAL NO CONTEXTO DE UMA
UNIVERSIDADE ORIENTADA PARA A COOPERAÇÃO SUL-SUL:
UM ESTUDO ETNOGRÁFICO INSTITUCIONAL**

desfavorecidos, com ênfase em mudança social (Rokay, 2021), relacionada às ideias da sociologia crítica (Fitzi, 2022), e às da pedagogia crítica (Freire, 2003).

A etnografia crítica representa um gênero de pesquisa em abordagem qualitativa reflexiva (Семигіна, 2022), com possibilidades investigativas variadas, em uma dinâmica interdisciplinar, presente em diferentes campos do conhecimento (Cook, 2005). Mainardes e Marcondes (2011), por exemplo, apresentam a etnografia crítica a partir de análises sobre classes sociais, grupos marginalizados, com ênfases nas desigualdades e situações de violência e opressão.

Busca-se com a etnografia crítica, portanto, desvelar condicionantes, como ressaltam Rokay (2021) e Madison (2005), as relações de dominação, as hierarquias, o poder, as configurações e as contradições da comunicação investigada (pesquisa de campo, com observações, entrevistas, documentos, arquivos), compreendendo a (re)produção do *modus operandi* das práticas sociais por meio do sistema linguístico, implicações históricas, políticas, sociais e culturais dos fenômenos.

McGibbon, Fierlbeck e Ajadi (2021), realizaram pesquisa com aproximações à orientação decolonial como definem Thambinathan e Kinsella (2021), e, também, com escopo crítico, como descrevem Brunner (1994), por meio de pesquisa etnográfica institucional, na busca de compreender discurso político relativos à reprodução de relações de poder existentes que impedem mudanças substantivas nas políticas destinadas a reduzir a desigualdade em saúde.

Como potencial de pesquisa, a metodologia apresentada por McGibbon, Fierlbeck e Ajadi (2021) consta exemplificada em pesquisas no campo educacional, como a pesquisa sobre planejamento (Nichols; Griffith, 2009) e governança (Gerrard; Farrell, 2013), análises sobre o papel docente em escolas públicas (Comber, 2012), bem como pesquisas sobre os administradores universitários em contexto de internacionalização universitária (Siiner, 2016).

Particularmente a pesquisa de Beck, Iieva, Pullman e Zhang (2013) retratou uma investigação baseada em etnografia institucional crítica em uma universidade canadense, na perspectiva de analisar tensões relacionadas ao processo de internacionalização em contexto de globalização, com discussões sobre a reprodução das desigualdades presentes no ensino superior. No entanto, ao contrário da presente pesquisa, o estudo de Beck, Iieva, Pullman e Zhang (2013) não avança teórica e metodologicamente para o campo decolonial, como

**UMA CRÍTICA DECOLONIAL NO CONTEXTO DE UMA
UNIVERSIDADE ORIENTADA PARA A COOPERAÇÃO SUL-SUL:
UM ESTUDO ETNOGRÁFICO INSTITUCIONAL**

sugerem Thambinathan e Kinsella (2021, p. 6), incluindo “o compromisso com o uso de metodologias descolonizadoras em nosso trabalho deve ser combinado com a solidariedade com as populações oprimidas em sua luta cotidiana contra as forças coloniais”.

Considerando a orientação metodológica decolonial (Thambinathan; Kinsella, 2021) da etnografia institucional crítica (Silverman, 2009, McGibbon; Peter; Gallop, 2010; Brunner, 1994; Van Maanen, 1988; Anderson, 1989; Erickson, 2018), o presente estudo retoma a discussão sobre o projeto da Unilab por ter colocado em prática um debate decolonial no âmbito universitário (Stanek, 2019).

Buscou-se, portanto, empreender um esforço etnográfico em documentos produzidos pela gestão da Unilab, formalizados como relatórios de gestão. Nesse caso, compreende-se que a escrita produzida representa artefatos etnográficos em contexto de pesquisas sobre organizações (Lowenkron; Ferreira, 2016).

O esforço etnográfico institucional documental (Geiger; Ribes, 2011), por sua vez, considera que os dados formais, “[...] reconstroem as maneiras pelas quais a realidade social é representada por um grupo social” (Bauer; Gaskell, 2002, p. 22), contribuindo com “[...] um histórico útil, documentação sobre as condições de ação de um grupo (conjunto de regras codificadas)” (Becker, 1993, p. 122). Em novo caminho, se busca, a partir do aprofundamento da concepção ‘artesanias de práticas’, acessar registros documentados, considerando-os artefatos institucionais (Geiger; Ribes, 2011).

Considerando o período de 2011 a 2021, o *corpus* documental foi formado por 11(onze) relatórios de gestão disponibilizado no site no Tribunal de Contas da União e no sítio eletrônico da Unilab, sendo, este arquivo documental, organizado durante o mês de fevereiro de 2023.

Segundo Schwartz e Cook (2002) e Lopes e Ipiranga (2021) os arquivos documentais conformam uma dimensão crítica no tocante ao estabelecimento de quadros e modelos sociais, pois esses artefatos são capazes de denunciar a forma como as relações de poder estão organizadas. Os autores sugerem observar os processos de escolhas sobre o que foi guardado e ou enfatizado em um framework socialmente construído e naturalizado. Além disso, os documentos podem delinear formas de proteção e ou de ênfases para uma determinada narrativa ou posicionamentos dos atores, delineando um espaço de disputa, negociação, contestação e legitimação (Schwartz; Cook, 2002; Stoler, 2010).

**UMA CRÍTICA DECOLONIAL NO CONTEXTO DE UMA
UNIVERSIDADE ORIENTADA PARA A COOPERAÇÃO SUL-SUL:
UM ESTUDO ETNOGRÁFICO INSTITUCIONAL**

Nesse sentido, os arquivos documentais podem refletir diferentes aspectos da vida cotidiana, aspectos estes que também poderão ser refletidos em termos de ausências e silêncios (Decker, 2013). Indícios do que é silenciado podem estar presentes no que é dito nos documentos. Essa dinâmica de presenças e ausências reforça a necessidade de compreensão dos arquivos documentais como espaços de disputa de poder (Schwartz; Cook, 2002), pois, afinal, “realizar uma etnografia de arquivos é estar dispostos a mergulhar nos discursos e silêncios oferecidos por todo o material arquivístico avaliado” (Lopes; Ipiranga, 2021 p. 45).

Na etnografia com base em arquivos documentais, o campo etnográfico é, portanto, constituído pelo arquivo e suas fontes, que são acessados por processos de observação direta do arquivo (Anderson, 1991): “é possível falarmos em um campo imaginado, não proveniente do senso comum ou de uma opinião particular, mas resultantes de um processo de imersão, através da observação direta dos arquivos e suas fontes” (Lopes; Ipiranga, 2021 p. 42).

Além dos processos de imersão etnográfica neste campo documental, foram também realizados procedimentos da observação participante (Angrosino, 2009; Haguette, 2001) que foram acionados a partir do vínculo institucional da primeira autora desse artigo junto à Universidade estudada.

Nesse sentido, e além da descrição etnográfica propriamente dita com realizada com base em uma ‘leitura’ dos documentos, foram consideradas as reflexões construídas durante à pesquisa participante dessa pesquisadora sobre os processos do cotidiano situados no aprofundamento compreensivo dos fragmentos documentais e no entrelaçamento da história institucional ainda em curso da Unilab (Peirano, 2006; Geertz, 2008).

UMA CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DO PROCESSO INSTITUCIONAL DA UNILAB

A Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), criada em 2010 pela Lei nº 12.289, de 20 de julho, situada no Municípios de Redenção e Acarape, Estado do Ceará, e São Francisco do Conde, Estado da Bahia, nasce com o objetivo de ampliar o relacionamento com o mundo lusófono, ocorrendo ao mesmo tempo com a expansão do acesso à educação superior projetada pelo Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), instituído pelo Decreto n. 6096, de 24 de abril de 2007.

**UMA CRÍTICA DECOLONIAL NO CONTEXTO DE UMA
UNIVERSIDADE ORIENTADA PARA A COOPERAÇÃO SUL-SUL:
UM ESTUDO ETNOGRÁFICO INSTITUCIONAL**

Em relação às normas constitutivas da Unilab, é perceptível o fato de que a integração possui um contexto específico, no caso, a Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP). Esta representa um “[...] foro multilateral privilegiado para o aprofundamento da *amizade mútua e da cooperação entre os seus membros*” (CPLP, 2017, *site*; grifo nosso), baseados em alguns princípios, como, por exemplo, “[...] primado da paz, da democracia, do estado de direito, dos direitos humanos e da justiça social” (CPLP, 2017, *site*).

Como é considerada um modelo institucional alternativo ao modelo tradicional (Bocchini, 2017), ela se alinha ao campo internacional numa perspectiva de contracorrente, haja vista direcionar-se oposta à tendência mundial (cooperação acadêmica com continentes e países do Sul) (Meneghel; Amaral, 2016). Esta, por sua vez, vai na corrente de “[...] indicadores e padrões de desempenho suportadas por agências internacionais, pautadas nas normas europeias e norte-americanas, ou seja, voltadas para o norte” (Meneghel; Amaral, 2016, p. 26). Apresenta-se inovador, pois “[...] não há projetos semelhantes no país e sua essência está em implementar parcerias que possibilitem uma *identidade de múltiplas identidades*” (Meneghel; Amaral, 2016, p. 37, grifo nosso). Inovador, ainda, pois se distingue do modelo de ensino superior tradicional-conservador, que, ainda, assume valores democráticos ante um compromisso com o elitismo cultural e com privilégios corporativos (Garcia; Carlotto, 2013).

Na leitura do presidente da Comissão e primeiro Reitor da Unilab, professor doutor Paulo Speller, em entrevista concedida à Associação Nacional dos Cursos de Graduação em Administração (ANGRAD), (2009), define que a Unilab parte de uma “[...] concepção inovadora de *cooperação internacional*”, estabelecendo parceria com países da CPLP e, ao mesmo tempo, “[...] representa um estratégia de desenvolvimento sustentado no Nordeste brasileiro”, na perspectiva de promover “[...] potencial socioeconômico numa perspectiva sustentada e levando em conta o contexto cultural”.

Na entrevista, Paulo Speller ³⁵, ainda, exprime que a Universidade “[...] *rompe radicalmente com experiências neo-coloniais* de formação unilateral de jovens oriundos dos países de independência mais recente”, considerando a realidade da diáspora africana, bem como a necessária ênfase a ser dada à “[...] realidade de seus países, para onde deveriam retornar e contribuir para a constituição de países”.

**UMA CRÍTICA DECOLONIAL NO CONTEXTO DE UMA
UNIVERSIDADE ORIENTADA PARA A COOPERAÇÃO SUL-SUL:
UM ESTUDO ETNOGRÁFICO INSTITUCIONAL**

A Unilab, por meio de cooperação internacional solidária, é “[...] capaz de buscar e compartilhar soluções inovadoras para processos históricos similares” (Diretrizes, 2013, p. 17), com atenção a recomendações internacionais no que concerne à responsabilidade dos demais países para com a África, a exemplo do que se observa na Conferência Mundial de Educação (1990); no Fórum Mundial de Dakar (2000); nos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ONU, 2000); no Plano de Ação da Segunda Década de Educação em África (2006-2015); na Declaração de Abuja, adotada na Primeira Cúpula América do Sul-África (ASA) (2006); na Conferência Regional de Educação Superior (CRES), (2008); na Conferência Africana sobre Educação Superior (CAES), (2008); e na Conferência Mundial de Educação Superior (CMES), (2009).

Desafios explicam a proposta da cooperação solidária na dinâmica de consolidação de seus processos, práticas de avaliação, planejamento e gestão, numa agenda em elaboração (Bocchini, 2017; Nobre, 2015; Ribeiro, 2016; Silva, 2016; Souza; Malomalo, 2016), haja vista que a cooperação internacional, pelo intercâmbio acadêmico e solidário, “[...] não é uma missão simples; ao contrário, reveste-se de grande complexidade, em termos concretos e simbólicos” (Gomes; Vieira, 2013, p. 92).

Nesse caminho, a reflexão é levada para o âmbito da gestão universitária, e de como esta pode mediar a realização da missão institucional, com base em propostas de sociedade e de conhecimento alternativos; uma gestão que “[...] induza a realização do compromisso com a relevância e pertinência social assentados na inovação e ousadia inerentes à cooperação solidária” (Meneghel; Nogueira; Vieira, 2017, p. 34).

INTEGRANDO VESTÍGIOS SOBRE O PROJETO UNILAB E SUAS INSTITUCIONALIDADES DECOLONIAIS TENSIONADAS

Antes de adentrar compreensão sobre fragmentos documentais produzidos, registra-se que os tensionamentos dos processos (de)coloniais são debatidos por diferentes pesquisadores, entre estes, Souza e Malomalo (2016), Milani (2012), Carvalho Filho, Ipiranga e Faria (2017), Malomalo, Lourau e Souza (2018), Bizarria et al. (2020), e Vasconcelos e Mariz (2022).

No horizonte, os estudos situam compreensões sobre contradições relativas ao projeto a partir das práticas, associadas às resistências que impõem desafios ao fazer universitário em cenário de concepções, metodologias e práticas definidas em contexto colonial, face à

**UMA CRÍTICA DECOLONIAL NO CONTEXTO DE UMA
UNIVERSIDADE ORIENTADA PARA A COOPERAÇÃO SUL-SUL:
UM ESTUDO ETNOGRÁFICO INSTITUCIONAL**

dependência acadêmica em reprodução, como, as ideias de ‘cooperação internacional’ e de ‘desenvolvimento’ desvelem “[...] visões políticas, muitas vezes redutoras das contradições e das assimetrias [...]” (Milani, 2012, p. 212). Nesse sentido, não se conhece “[...] muitas outras maneiras de interpretar e de resolver o mundo” (Guilherme; Santamaria, 2015, p. 61), considerando o modelo de desenvolvimento e de sociedade de base capitalista, que tensiona o projeto com as práticas de ‘tomada de decisões’ centradas em fatores econômicos, com argumentos de sustentabilidade e continuidade (Meneghel; Amaral, 2016; Meneghel; Nogueira; Vieira, 2017).

Ampliando as análises empreendidas por Souza e Malomalo (2016), Milani (2012), Carvalho Filho, Ipiranga e Faria (2017), Malomalo, Lourau e Souza (2018), Bizarria et al. (2020), e Vasconcelos e Mariz (2022), acrescenta-se o esforço de reunir evidências sobre os tensionamentos a partir de artefatos documentais, no caminho de suscitar descrições complementares à produção científica sobre a Unilab. O quadro 1 reúne registros dos relatórios, considerando imersão em parte dos registros, posto que os documentos apresentam informações relativas à ‘prestação de contas’, compreendendo dados sobre recursos orçamentários e financeiros da Universidade. Assim, os fragmentos apreendidos para análise conferem sentido à problemática de pesquisa, captados sob a lente das práticas em tensionamentos, à luz da (de)colonialidade.

Quadro 1 – Registros presentes nos Relatórios de Gestão da Unilab de 2011 a 2021

Registros dos Relatórios de Gestão de 2011 a 2021
<p><i>integração com as demandas de formação e produção de conhecimento dos países envolvidos CPLP (RELATORIO_2012, 2011,2013, 2014, 2015, 2017, 2016); pesquisa e extensão a partir das demandas de formação e produção de conhecimentos no brasil e nos países parceiros (RELATORIO_2020, 2021, 2018); formação acadêmica e profissional com visão integrada e capaz de promover mudanças sociais (RELATORIO_2017, 2016, 2015, 2014); a partir do contexto de interiorização e internacionalização do ensino superior a Unilab busca proporcionar avanços na produção e disseminação do conhecimento em atendimento à demanda de formação e de pesquisa de países de expressão em língua portuguesa (RELATORIO_2013); política de pesquisa e pós graduação será orientada portanto a contribuir com o desenvolvimento científico tecnológico e social dos países parceiros por meio da formação em pesquisa e produção de conhecimento nas áreas consideradas estratégicas (RELATORIO_2012, 2011); formação interdisciplinar e articulação entre ensino pesquisa extensão promoção de atividades culturais e artísticas valorização da diversidade humana e de sua produção científica e cultural valorização do uso de ferramentas</i></p>

**UMA CRÍTICA DECOLONIAL NO CONTEXTO DE UMA
UNIVERSIDADE ORIENTADA PARA A COOPERAÇÃO SUL-SUL:
UM ESTUDO ETNOGRÁFICO INSTITUCIONAL**

tecnológicas valorização do método investigativo e apoio à criação e consolidação de grupos e atividades de pesquisa em áreas estratégicas (RELATORIO_2014); a política de formação em programas stricto sensu e lato sensu tem por objetivos: formar pesquisadores altamente qualificados para suprir demandas de pessoal e desenvolvimento tecnológico dos países lusófonos (RELATORIO_2012, 2011); pós graduação busca oferecer formação àqueles que já concluíram um curso de graduação por meio do desenvolvimento de pesquisas que os tornam especialistas nas mais diversas áreas do saber (RELATORIO_2017, 2016, 2015); áreas identificadas como prioritárias para atuação acadêmica são desenvolvimento rural, gestão pública, saúde coletiva, tecnologias e desenvolvimento sustentável, educação básica, humanidades, letras (RELATORIO_2019); méritos técnico acadêmico científico ou tecnológico bem como as especificidades regionais e das áreas do conhecimento a edição de obras científicas e educacionais e demais atividades que contribuam para a qualidade das ações desenvolvidas pelos programas de pós graduação e de programas da capes (RELATORIO_2013); bom desempenho do aluno no ensino superior como a concessão de ajuda financeira para apoiar a manutenção dos estudantes carentes inclusive estrangeiros matriculados em cursos de graduação nas instituições de ensino superior (RELATORIO_2013); contribui para a permanência qualificada do estudante nos cursos de graduação orienta o estudante para uma transição tranquila da educação básica para a superior promove ações que auxiliam o fortalecimento do desempenho acadêmico dos estudantes com vistas à construção de uma experiência acadêmica de excelência (RELATORIO_2019, 2020); indissociabilidade entre ensino pesquisa e extensão (RELATORIO_2020, 2018); otimizar o potencial acadêmico dos estudantes e promover a integração entre a atividade acadêmica com a futura atividade profissional (RELATORIO_2012) da inserção de alunos de graduação na pesquisa científica a possibilidade de manutenção e alunos da pós graduação no mestrado a permanência dos alunos nos cursos de graduação e pós graduação e o gerenciamento da pró reitoria aos projetos (RELATORIO_2014); otimizar o potencial acadêmico e melhorar as condições de ensino aprendizagem do corpo discente (RELATORIO_2021); cooperação acadêmica no país mestrados e doutorados interinstitucionais cursos e programas de pesquisa nas áreas estratégicas (RELATORIO_2012, 2011); dialogar e proporcionar o desenvolvimento do brasil junto aos países africanos falantes da língua portuguesa (RELATORIO_2019); mapa estratégico missão formar recursos humanos para contribuir com a integração entre o brasil e os demais países membros da comunidade dos países de língua portuguesa cplp especialmente os países africanos bem como promover o desenvolvimento regional e o intercâmbio cultural científico e educacional (RELATORIO_2020, 2018); missão produzir e disseminar o saber universal de modo a contribuir para o desenvolvimento social cultural e econômico do brasil e dos países de expressão em língua portuguesa especialmente os africanos (RELATORIO_2012, 2011); é formar recursos humanos aptos a contribuir com a integração latino-americana com o desenvolvimento regional e com o intercâmbio cultural científico e educacional voltados para a américa latina especialmente aos países do mercado comum do sul mercosul (RELATORIO_2017, 2016); os termos integração e internacionalização se imbrincam para contribuir no desenvolvimento do maciço do baturité cearense e do recôncavo baiano (RELATORIO_2020); o desenvolvimento regional e o intercâmbio cultural científico e educacional (RELATORIO_2012, 2010); instituição científica tecnológica e cultural de cooperação e integração atua como polo disseminador da

**UMA CRÍTICA DECOLONIAL NO CONTEXTO DE UMA
UNIVERSIDADE ORIENTADA PARA A COOPERAÇÃO SUL-SUL:
UM ESTUDO ETNOGRÁFICO INSTITUCIONAL**

cultura e do saber entre o Brasil e os países parceiros fazendo desse aspecto específico ponto de confluência e integração universitária afrobrasileira (RELATORIO_2014); ambiente de respeito às distintas identidades ao pluriculturalismo e à cooperação solidária (RELATORIO_2013); centro de pesquisa e formação de jovens brasileiros em interação com estudantes de países onde também se fala a língua portuguesa (RELATORIO_2011, 2012); produzir conhecimento com relevância social (RELATORIO_2012, 2011); sem perder de vista os elementos que devem compor a formação em nível superior no século XXI (RELATORIO_2014); oferta de ensino pesquisa e extensão de qualidade à comunidade do nordeste brasileiro e dos países parceiros é impactada pelo cenário externo nacional e internacionalmente (RELATORIO_2018).

Para avançar aos registros sobre a gestão universitária, observa-se que o Quadro 1 apresenta um cenário em mudanças. Até o relatório de 2014, constata-se o movimento de reafirmação da missão institucional, atrelada ao reconhecimento (escuta) das demandas consideradas estratégicas para os países parceiros, representados pelos países membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), bem como referência à cooperação solidária e ao pluriculturalismo. A agenda propositiva de integração regional integra outras dimensões nos anos seguintes, incluindo enfaticamente o Nordeste do Brasil, e, especificamente, o Recôncavo baiano, em função do *campus* em São Francisco do Conde, Bahia, e o Maciço de Baturité, em decorrência da sede funcionar em município dessa região, no caso, Redenção, Ceará.

Entre 2016 e 2021, ainda, observa-se uso de concepções com menor expressão nos documentos anteriores, como experiência de ‘excelência acadêmica’, ‘cooperação academia’ associada à pesquisa ao nível de pós-graduação *stricto sensu*. Evidencia-se maior movimento para a ideia de redes, incluindo o Mercosul como possibilidade de parceria, bem como ampliação para a ideia de ‘falantes da língua portuguesa’. Considera-se, ainda, maior destaque à indissociabilidade da pesquisa, do ensino e da extensão, de ‘qualidade’, incorporando a dinâmica da participação em eventos científicos como relevantes para a internacionalização. Também assume ênfase a atenção à permanência do estudante, no sentido de viabilizar o ‘fortalecimento do desempenho acadêmico’.

Os relatórios afirmam processos institucionais que se apresentam em elaboração, com o uso de concepções associadas ao projeto institucional definido na Lei de Criação e, em construção, agendas que situam problemáticas universitárias em sintonia com o movimento de outras instituições de ensino superior, como a ‘evasão’, o ‘desempenho acadêmico’, as ‘redes e

**UMA CRÍTICA DECOLONIAL NO CONTEXTO DE UMA
UNIVERSIDADE ORIENTADA PARA A COOPERAÇÃO SUL-SUL:
UM ESTUDO ETNOGRÁFICO INSTITUCIONAL**

os eventos científicos’, bem como atenção à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) como ‘instância reguladora’.

Observa-se, ainda, que concepções como ‘desempenho’ e ‘excelência’ suscitam reflexões também em construção, sendo definições que sugerem tensões, posto que o enfrentamento à lógica colonial “[...] não é uma missão simples; ao contrário, reveste-se de grande complexidade, em termos concretos e simbólicos” (Gomes; Vieira, 2013, p. 92), incluindo “[...] ter em mente políticas que compreendam a complexidade das demandas [...] sendo fundamental a presença de gestores sensíveis e preparados para lidar com o “outro”, com a diversidade [...]” (Nobre, 2015, p. 80), que privilegie “[...] um diálogo horizontal – e não menos tenso – entre culturas, valores e projetos de sociedade” (Gomes; Vieira, 2013, p. 93). Por sua vez, tais concepções podem situar outros horizontes epistemológicos, sendo necessário ampliar o escopo das definições envolvidas, de maneira a situar epistemologicamente sobre o que se pretende com o uso dos conceitos. Nesse caminho, o diálogo epistêmico envolve (re) considerar a co-construção do campo da gestão em Universidades, como ensinam Faria, Abdalla e Guedes (2021).

Nesse caminho, assumir a ideia de ‘excelência’, ‘desempenho’ e ‘qualidade’ referenciados em instituições como Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Funcap), Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Cnpq), no horizonte da dependência acadêmica-intelectual (Salatino, 2014; Subramaniam; Perrucci; Whitlock, 2014; Sabea; Beigel, 2014), baseado em métricas e rankings nacionais e internacionais (MacAteer; Wood, 2018), são desafios à construção de agendas decoloniais, no caminho de reafirmar-se potência com outras bases de reconhecimento acadêmico-científico.

Alternativas para viabilizar a mobilidade docente e discente, no campo da excelência’, ‘desempenho’ e ‘qualidade’, envolve reconhecer possibilidades financeiras concretas, acionando reflexões sobre a busca de recursos atrelado aos editais, agências de fomento e instituições financeiras, com repercussões relacionadas às qualificações associadas aos atendimentos dos requisitos necessários, institucionalidades da pesquisa e da internacionalização de excelência, com referência em critérios de qualidade eurocentrados (Alatas, 2003, 2010; Halffman; Radder, 2015; Subramaniam; Perrucci; Whitlock, 2014; Beigel, 2014, 2016). São aspectos também levantados por Machado et al. (2020), atenção à

**UMA CRÍTICA DECOLONIAL NO CONTEXTO DE UMA
UNIVERSIDADE ORIENTADA PARA A COOPERAÇÃO SUL-SUL:
UM ESTUDO ETNOGRÁFICO INSTITUCIONAL**

configuração institucional junto ao governo federal confere maior sentido à quem continua se constituindo como universidade, traduzindo em práticas formações acadêmico-profissionais de base colonial.

Apresenta-se, ainda, em relatórios, a Unilab em constituição, no sentido da missão ainda em reafirmação. As práticas, em tensão, se apresentam no horizonte de um ‘dever-ser’ diferente, com uso das mesmas metodologias formativas que se apresentam necessárias, face à instrumentalidade desse fazer, no contexto dos processos gerenciais de uma Universidade Pública Federal, com as normativas que regem esse fazer, o que a problematização sobre a decolonização da universidade evidencia (Stanek, 2019; Marsh, 2022; Arday; Mirza, 2019; Cupples, 2019; Bhambra et al., 2018; Grosfoguel, 2012; Santos, 2017). Essa tensão sugere desafios à decolonialidade no plano legal-normativo, restringindo o exercício do fazer-organizar-gerir com a criatividade que o projeto exige, como inovação em perspectiva epistemológica alternativa.

Assim, o impulso à internacionalização das universidades, reconhecendo os benefícios que os estudantes internacionais oferecem, incluindo a dinâmica crescente de mobilidade regional, de não falantes do inglês (Lee, Jon; Byun, 2017), sugere-se avançar em análises sobre as relações sociais dos estudantes, com ampliação da compreensão sobre a discriminação baseada em raça, etnia e cultura, entendida como neorracismo (Černigoj, 2022). Além de problematizar a mobilidade de estudantes como mercadorias universitárias para ganhos financeiros e de reputação (Lee; Jon; Byun, 2017), reconhecer o neo-racismo implica em compreender inseguranças culturais e percepções de ameaça advindas das variações culturais, com desdobramentos em disputas e imposições em lógicas hierárquicas de poder. Com isso, evidencia-se que o neorracismo impõe desafios complexos, posto que sua manifestação pode refletir processos ideológicos de defesa de valores, incluindo o nacionalismo e patriotismo (Conselho da Europa, 2015).

ETNOGRAFANDO *INSIGHTS* (IN)CONCLUSIVOS

A Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), se institui em cenário específico, no caso, a Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP), reflexo de um contexto social de considerável reivindicação por mudanças, incluindo a superação do racismo (Heleno, 2014), em resposta ao movimento negro e ascensão econômica

**UMA CRÍTICA DECOLONIAL NO CONTEXTO DE UMA
UNIVERSIDADE ORIENTADA PARA A COOPERAÇÃO SUL-SUL:
UM ESTUDO ETNOGRÁFICO INSTITUCIONAL**

da África no panorama mundial no início do século XXI (Souza; Malomalo, 2016).

Considerando o percurso de Malomalo, Lourau e Souza (2018) e de Bizarria et al., (2020) elucidar desafios de institucionalização da Unilab, no caminho dos tensionamentos entre projeto e práticas institucionais, imprime contribuição para o debate da ‘decolonização’ da educação, com ênfase nas práticas gerenciais, no caminho da tomada de decisão, em Universidade de matriz epistemológica que a referência como experiência inovadora no campo da decolonialidade. Assim, compreender práticas de um projeto de universidade concebida no campo decolonial, a partir dos registros documentais institucionais, percorreu caminhos etnográficos, em perspectiva institucional e crítica.

A pesquisa nesse caminho, ainda, envolve compreensão sobre a ideia de engajamento, reconhecendo que [...] projetos isolados podem ser facilmente absorvidos como vanguardismo por um *status quo* impenetrável e robusto, tolerados precisamente por demonstrarem a capacidade de inovação de um sistema que é, de fato, conservador (Almeida Filho, 2007, p. 261). O ‘desvelar’ da etnografia institucional crítica em contexto decolonial, portanto, implica em mudança, em rompimento, por meio da crítica, na construção de outras configurações, por meio de novas significações atribuídas aos fenômenos sociais em análise (Madison, 2005). Assim, os pesquisadores, na visão de Семигіна (2022) e de Rokay (2021), interpretam um problema social considerando seus próprios valores e crenças, formulam uma questão de pesquisa que reflete sua visão de mundo profissional e pessoal.

Um movimento de (re)conceituação, (re)interpretação, em espaços dialógicos-formativos e disponíveis aos tensionamentos inerentes à interculturalidade, portanto, pode favorecer práticas em tessitura artesanal coerente com o projeto inovador no horizonte decolonial. Para tanto, agendas institucionais poderiam ser fortalecidas na perspectiva da tradução do projeto em práticas, afirmadas nas divergências das agendas coloniais/ decoloniais. Reconhecer que esse movimento se afirma em contracorrente, envolve assumir uma dinâmica de trabalho mais complexa, constantemente em questionamento face à validade e credibilidade em cenário político-educacional de matriz colonial, de matriz imperialista (Omodan, 2020; Stein; Andreotti, 2016). Assumir esse desafio não envolve assimilar as diferenças para fortalecer a institucionalidade, confere reconhecer as fragilidades de práticas institucionais face aos tensionamentos de um projeto alternativo, incluindo o que é produzido fora do circuito eurocentrado (Connell, 2012), em atenção aos teóricos do sul (Bhambra, 2014).

**UMA CRÍTICA DECOLONIAL NO CONTEXTO DE UMA
UNIVERSIDADE ORIENTADA PARA A COOPERAÇÃO SUL-SUL:
UM ESTUDO ETNOGRÁFICO INSTITUCIONAL**

Os limites desta pesquisa vão ao encontro de possibilidades para o seu avanço. Sendo a Universidade uma instituição social intensamente dinâmica, como é a Unilab. De um lado, mudanças internas e externas à instituição podem influenciar distintas arquiteturas de poder, situando narrativas diferentes; de outro, as narrativas são apreendidas como discursos, que são práticas sociais, reforçando a ideia de que possuem implicações no contexto e contribuem com a sua história.

REFERÊNCIAS

- ALATAS, Syed Farid. Academic Dependency and the Global Division of labour in the social sciences. *Current Sociology*, v. 51, n. 6, p. 599-613. 2003.
- ALATAS, Syed Farid. A definição e os tipos de discursos alternativos. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 46, n. 23, p. 225-245, jul./dez. 2010.
- ALMEIDA FILHO, Naomar de. *Universidade Nova: textos críticos e esperançosos*. Brasília, DF: Ed. da Universidade de Brasília; Salvador: EDUFBA. 2007.
- ALVES, Rubem. *Filosofia da ciência: introdução ao jogo e a suas regras*. São Paulo: Edições Loyola. 2013.
- ANDERSON, Benedict. *Imagined Communities*. London: Verso. 1991.
- ANDERSON, Gary L. Critical Ethnography. *Review of Educational Research*, 59. 1989.
- ANGRAD. Associação Nacional dos Cursos de Graduação em Administração. Conheça a UNILAB – Universidade Federal da Integração Luso-Afro-Brasileira. 2009. (Entrevista, 4 de abril de 2009). Disponível em: <http://www.angrad.org.br/news/entrevista-conheca-a-unilab-universidade-federal-da-integracao-lusoafrobrasileira/1588/> . Acesso em: 20 abr. 2017.
- ANGROSINO, Michael. *Etnografia e observação participante*. Porto Alegre, Artmed. 2009.
- ARDAY, Jason; MIRZA, Heidi Safia. Dismantling race in higher education: Racism, whiteness and decolonising the academy. *Basingstoke: Palgrave Macmillan*. (Eds.) 2019.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som – Um manual prático*. Petrópolis: Vozes. 2002.
- BECK, Kumari; ILIEVA, Roumiana; PULLMAN, Ashley; ZHANG, Zhihua (Olivia). “New work, old power: inequities within the labor of internationalization”, *On the Horizon*, v. 21, n. 2, p. 84-95. 2013.
- BECKER, Howard. *Métodos de Pesquisa em Ciências*. EDITORA HUCITEC, São Paulo. 1993.

**UMA CRÍTICA DECOLONIAL NO CONTEXTO DE UMA
UNIVERSIDADE ORIENTADA PARA A COOPERAÇÃO SUL-SUL:
UM ESTUDO ETNOGRÁFICO INSTITUCIONAL**

BEIGEL, Fernanda. Introdução: Current tensions and trends in the World Scientific System. *Current Sociology*, v. 5, n. 62, p. 617-625. 2014.

BEIGEL, Fernanda. El nuevo carácter de la dependência intelectual. *Cuestiones de Sociología*, v. 14. 2016.

BHAMBRA, Gurminder K. Introduction: Knowledge production in global context: Power and coloniality. *Current Sociology Monograph*, v. 62, n. 4, p. 451-456. 2014.

BHAMBRA, Gurminder K.; GEBRIAL, Dalia; NISANCIOGLU, Kerem. *Decolonising the university*. London: Pluto Press. (Eds.) 2018.

BIZARRIA, Fabiana Pinto de Almeida; TASSIGNY, Mônica Mota; BARBOSA, Flávia Lorenne Sampaio; FREIRE, Jacqueline Cunha da Serra. Inovação e gestão universitária no campo decolonial: estudo do suporte normativo de uma universidade de integração internacional. *Orgnizações & Sociedade*, v. 27, n. 95, p. 855–879. 2020.

BOCCHINI, Daniel. Inclusão do Estudante Africano na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab): Perspectivas para um Currículo Contra-Hegemônico. Tese de doutorado em Educação – Universidade Nove de Julho. 2017.

BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. *A profissão de sociólogo – Preliminares epistemológicos*. 3 ed. Petrópoles: Vozes. 2002.

BRUNNER, C. Cryss. Emancipatory Research: Support for Women's Access to Power. Draft. *Annual Meeting of the American Educational Research Association* (New) 1994.

CARVALHO FILHO, Valério; IPIRANGA, Ana Sílvia Rocha; FARIA, Almeida de. A (De)Colonialidade na Educação em Administração: Explorando Limites e Possibilidades. *Arquivos Analíticos de Políticas Educativas*, v. 25, n. 47, p. 1-34. 2017.

ČERNIGOJ, Adela. The Influence of Culture and Intercultural Contact on Neo-Racism and Ethnocentrism. *Psychol Stud*, v. 67, p. 447–458. 2022.

CHAGAS, Marco Antonio; FILCREÃO, Antonio Sérgio Monteiro. Cartografia do Colonialismo, Política Ambiental e Zonas Libertárias nas Perspectivas das Epistemologias do Sul. *Geo UERJ*, Rio de Janeiro, v. 40, e64987. 2022.

CHALMERS, Alan. *A Fabricação da Ciência*. São Paulo: Editora UNESP. 1994.

COMBER, Bárbara. Mandated literacy assessment and the reorganisation of teachers' work: Federal policy, local effects. *Critical Studies in Education*, v. 53, n. 2, p. 119-136. 2012.

CONNELL, Raewyn. A iminente revolução na teoria social. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 27, n. 80, p. 9-20. 2012.

CONSELHO DA EUROPA: Assembleia Parlamentar. Reconhecendo e prevenindo o neo-racismo, Doc. 13809. 2015. <https://www.refworld.org/docid/55b207ae4.html>

**UMA CRÍTICA DECOLONIAL NO CONTEXTO DE UMA
UNIVERSIDADE ORIENTADA PARA A COOPERAÇÃO SUL-SUL:
UM ESTUDO ETNOGRÁFICO INSTITUCIONAL**

COOK, Kay E. Using Critical Ethnography to Explore Issues in Health Promotion. *Qualitative Health Research*, v. 15, n. 1, p. 129-138, jan. 2005.

CPLP. Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. 2017. Disponível em: <<https://www.cplp.org/id-2763.aspx>>. Acesso em: 4 abr.

CUPPLES, Julie. Introduction: Coloniality resurgent, coloniality interrupted. In J. Cupples, & R. Grosfoguel (Eds.), *Unsettling Eurocentrism in the Westernized University* (pp. 1–22). London and New York: Routledge. desenvolvimento de teoria fundamentada. 2. ed., Porto Alegre: Artmed. 2019.

DECKER, Stephanie. The silence of the archives: business history, post-colonialism and archival ethnography, *Management & Organizational History*, v. 8, n. 2, p. 155-173. 2013.

DIAS, Marco Antonio Rodrigues. Cooperação interuniversitária em tempo de globalização uniformizaste. *Fórum Latino-Americano de Educação Superior*. Painel 1 – Integração e Internacionalização da Educação Superior, Foz do Iguaçu. 2014.

DIÓGENES, Camila Gomes; AGUIAR, José Reginaldo. (Org.). *UNILAB: Caminhos e Desafios Acadêmicos da Cooperação Sul-Sul*. Redenção: UNILAB. 2013.

DUSSEL, Enrique. Transmodernidade e Interculturalidade: interpretação a partir da filosofia da libertação. *Revista Sociedade e Estado*, v. 31, n. 1, jan./abr. 2016.

ERICKSON, Frederick. A history of qualitative inquiry in and educational research. In.: Denzin, N. K. & Lindoln, Y. S. (Editors). *The Sage Handbook of Qualitative Research*. Fifth Edition. SAGE Publications, Inc. ethnography of policy in practice. *Cambridge Journal of Education*, v. 39, n. 2, p. 241-255. 2018.

FARIA, Alexandre; ABDALLA, Márcio Moutinho; GUEDES, Ana Lúcia. Can We Co-Construct a Field of Management / Administration Engaged with the Majority?. *Organizações & Sociedade*, v. 28, n. 98. 2021.

FITZI, Gregor. O caminho para a Sociologia Crítica. In: *Intermitência Normativa*. Palgrave Macmillan, Cham. 2022.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Kyv: Universo. 2003.

GARCIA, Sylvia Gemignani; CARLOTTO, Maria Caraméz. Tensões e contradições do conceito de organização aplicado à universidade: o caso da criação da USP-Leste. *Avaliação*, Campinas; Sococaba, SP, v. 18, n. 3, p. 657-684, nov. 2013.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: Bauer, M.W. & Gaskell, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som – Um manual prático*. Petrópolis: Vozes. 2002.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. 1. ed., IS.reimpr. - Rio de Janeiro: LTC. Tradução de: *The interpretation of cultores*. 2008.

UMA CRÍTICA DECOLONIAL NO CONTEXTO DE UMA
UNIVERSIDADE ORIENTADA PARA A COOPERAÇÃO SUL-SUL:
UM ESTUDO ETNOGRÁFICO INSTITUCIONAL

GEIGER, R. STUART; RIBES, David. *Trace Ethnography: Following Coordination through Documentary Practices*, v. 455, p. 1 – 10. 2011.

GERRARD, Jéssica; FARRELL, Lesley. ‘Peopling’ curriculum policy production: Researching educational governance through institutional ethnography and Bourdieuan field analysis. *Journal of Education Policy*, v. 28, n. 1, p. 1-20. 2013.

GIURLEO, Pablo Martín. Los Ensayos, El Sur Y Los Subalternos. *Ofícios Terrestres*, 31, p. 101-109, jul./dez. 2014.

GOMES, Arilson dos Santos. A Unilab e as ações de promoção da igualdade étnico-racial (2010-2020). *Revista Contemporânea de Educação*, v. 16, n. 37, p. 104-130. 2021.

GOMES, Nilma Lino; VIEIRA, Sofia Lerche. Construindo uma ponte Brasil-África: a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Luso-Afro-brasileira (UNILAB). *Revista Lusófona de Educação*, v. 24, p. 81-95. 2013.

GONDIM, Linda M. P.; LIMA, Jacob Carlos. *A pesquisa com artesanato intelectual: considerações sobre método e bom senso*. João Pessoa: Manufatura. 2002.

GROSGOUEL, Ramón. The dilemmas of ethnic studies in the United States: Between liberal multiculturalism, identity politics, disciplinary colonization, and decolonial epistemologies. *Human Architecture: Journal of the Sociology of Self*. 2012.

GUILHERME, Manuela; SANTAMARIA, Angela. Nota Introdutória - Ventos do Sul: Epistemologias interculturais na educação superior latino-americana. *Revista Lusófona de Educação*, 31. 2015.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. *Metodologias qualitativas na sociologia*. 8ª Ed. Petrópolis: Vozes. 2001.

HALFFMAN, Willem; RADDER, Hans. The Academic Manifesto: From an Occupied to a Public University. *Minerva*, v. 53, p. 165-187. 2015.

HELENO, Maurício Gurjão Bezerra. O lugar da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) na política externa do governo Lula (2003-2010). *O Público e o Privado*, 23, 109-127. institutional ethnography of parallel language strategy and practices at the University of Copenhagen. *Current Issues in Language Planning*, v. 17, n. 3-4, p. 441-458. 2014.

LANZA, Fabio; RODRIGUES, Donizete; CURTO, José. Perspectivas contemporâneas sobre o mundo lusófono. *Mediações*, v.21, n. 2, p. 12-25, jul./dez. 2016.

LAVOR, Anna Ariane Araújo de Lavor; MAZZARINO, Jane Marcia. A UNILAB e a Internacionalização do Ensino por Meio da Colaboração Técnica Internacional. *Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas*, v. 23, n. 1, p. 10-17. 2022.

**UMA CRÍTICA DECOLONIAL NO CONTEXTO DE UMA
UNIVERSIDADE ORIENTADA PARA A COOPERAÇÃO SUL-SUL:
UM ESTUDO ETNOGRÁFICO INSTITUCIONAL**

LE GRANGE, Lesley. (Individual) responsibility in the decolonization of the university curriculum. *S. Afr. J. Alto. Educ.* [on-line], v. 35, n. 1, p. 4-20. 2021.

LEE, Jenny; JON, Jaen-Eun; BYUN, Kiyong. Neo-Racism and Neo-Nationalism Within East Asia: The Experiences of International Students in South Korea. *Journal of Studies in International Education*, v. 21, n. 2, p. 136–155. 2017.

LOPES, Luma Luísa Sousa; IPIRANGA, Ana Sílvia Rocha. Ethnographing Historical Archives: Possible Ways to Research in Organization Studies. *Organizações & Sociedade*, v. 28, n. 96. 2021.

LOWENKRON, Laura; FERREIRA, Leticia Carvalho de Mesquita. GT 030. Etnografia de documentos e burocracias: desafios teórico-metodológicos da análise de práticas de poder. 2016.

MACHADO-DA-SILVA, Clóvis L.; FONSECA, Valéria Silva da; CRUBELLATE, João Marcelo. Estrutura, Agência e Interpretação: Elementos para uma Abordagem Recursiva do Processo de Institucionalização. *ANPAD - Revista de Administração Contemporânea*, 9-39, Ed. especial. 2005.

MACHADO, Eduardo Gomes; TAVARES, Rosalina Semedo de Andrade; FREITAS, Maria Valdelia Carlos Chagas de; TEIXEIRA, Tamilton Gomes. Políticas Públicas de Internacionalização na Educação Superior Brasileira: Questões Teórico-Empíricas a partir da Unilab. *Educação*, v. 8, n. 3, p. 567–583. 2020.

MADISON, D. Soyini. *Critical Ethnography: method, ethics and performance*. Thousand Oaks: Sage. 2005.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e como experiência. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 15, n. 32, p. 29-156, jul./dez. 2009.

MAINARDES, Jefferson; MARCONDES, Maria Inês. Reflexões sobre a Etnografia Crítica e suas implicações para a pesquisa em educação. *Educ. Real.*, Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 425-446, maio/ago. 2011.

MALINOWSKI, Bronislaw. Ethnology and the Study of Society. *Economica*, n. 6, p. 208-219. 1922.

MALOMALO, Bas'Ilele; LOURAU, Julie; SOUZA, Osmaria Rosa. A Unilab na Perspectiva da Cooperação Sul-Sul: Uma Análise Crítica Decolonial Africana. *Cadernos do CEAS*, Salvador/Recife, v. 245, p. 517-552, set./dez. 2018.

MÁRQUEZ-FERNÁNDEZ, Álvaro B. Alternativas epistémicas para las ciencias sociales desde el sul. *Revista de Filosofía*, v. 70, p. 83-97. 2012.

MARSH, França. Unsettling information literacy: Exploring critical approaches with academic researchers for decolonising the university. *Journal of Information Literacy*, v. 16, n. 1, p. 4–29. 2022.

**UMA CRÍTICA DECOLONIAL NO CONTEXTO DE UMA
UNIVERSIDADE ORIENTADA PARA A COOPERAÇÃO SUL-SUL:
UM ESTUDO ETNOGRÁFICO INSTITUCIONAL**

MARTINEZ-VARGAS, Carmem. The decolonization of research in higher education: from the university to the diversity of approaches. *South African Journal of Higher Education*, v. 34, n. 2, p. 112-128. 2020.

MCATEER, Mary; WOOD, Lesley. Decolonising knowledge: Enacting the civic role of the university in a community-based project. *South African Journal of Education*, v. 38, p. 1-10. 2018.

MCGIBBON, Elizabeth; FIERLBECK, Katherine; AJADI, Tara. Health equity and institutional ethnography: Mapping the problem of policy change. *Witness: The Canadian Journal of Critical Nursing Discourse*, v. 3, n. 2, pp 64-80. 2021.

MCGIBBON, Elizabeth; PETER, Elisabete; GALLOP, Ruth. An institutional ethnography of nurses' stress. *Qualitative Health Research*, v. 20, n. 10, p. 1353-1378. 2010.

MENDES, Leonel Vicente; CAMBANCO, Deuinalom Fernando; BACURIM, Felisberto Júnior Pedro. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB: uma universidade decolonial e afrocentrada. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras São Francisco do Conde (BA)*, 1 (2) 185-204, jul./dez. 2021.

MENEGHEL, Stela; AMARAL, Joana. Universidades internacionais na contracorrente. As propostas da Unila e da Unilab. *Universidades - UDUAL*, México, n. 67, jan./mar. 2016.

MENEGHEL, Stela; NOGUEIRA, Jaana Flávia Fernandes; VIEIRA, Sofia Lerche. Unilab: uma proposta freiriana de Universidade popular? *Eccos – Revista Científica*, v. 42, p. 21-37. 2017.

MENESES, Maria Paula. Epistemologia do Sul. *Revista Crítica De Ciências Sociais*, 80, 5-10, mar. 2008.

MIGNOLO, Walter. Desafios decoloniais de hoje. *Epistemologias do Sul*, Foz do Iguaçu/PR, v. 1, n. 1, p. 12-32. 2017.

MIGNOLO, Walter D. Spirit out of bounds returns to the East: The closing of the social sciences and the opening of independent thoughts. *Current Sociology Monograph*, v. 4, n. 62, p. 584-602. 2014.

MILANI, Carlos R. S. Aprendendo com a história: críticas à experiência da Cooperação Norte-Sul e atuais desafios à Cooperação Sul-Sul. *Caderno CRH*, 25, 211-231. 2012.

MORAES, Ana Cristina; SILVA, João Pereira; CARNEIRO, Iranilson de Sousa. Educação antirracista no Ceará: a UNILAB e seus saberes afroreferenciados. *Cadernos do GPOSSHE On-line*, [S. l.], v. 6, n. 2. 2022.

NDLOVU, Morgan. Por que saberes indígenas no século XXI? Uma guinada decolonial. *Epistemologias do Sul*, Foz do Iguaçu/PR, v. 1, n. 1, p. 127-144. 2017.

UMA CRÍTICA DECOLONIAL NO CONTEXTO DE UMA
UNIVERSIDADE ORIENTADA PARA A COOPERAÇÃO SUL-SUL:
UM ESTUDO ETNOGRÁFICO INSTITUCIONAL

NICHOLS, Naomi; GRIFFITH, Alison I. Talk, texts, and educational action: An institutional ethnography of policy in practice. 2009.

NOBRE, Clarissa Diniz Diógenes. *Timorenses na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB): encontros e desencontros de uma experiência*. 2015. Dissertação-Mestrado em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. 2015.

OMODAN, Bunmi Isaiah. Combatting the Imperativeness of Modernity in Students' Unrest: The Need to Decolonise the Minds through Ubuntu. *International Journal of Higher Education*. v. 9. p. 310-319. 2020.

PARMAR, Inderjeet. Transnational elite knowledge networks: Managing American hegemony in turbulent times. *Security Studies*, v. 28, n. 3, p. 532-564. 2019.

PATRUS, Roberto; DANTAS, Douglas Cabral; SHIGAKI, Helena Belintani. O produtivismo acadêmico e seus impactos na pós-graduação stricto sensu: uma ameaça à solidariedade entre pares? *Cadernos EBAPE.BR*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, jan./mar. 2015.

PEIRANO, Mariza. *A teoria vivida e outros ensaios de antropologia*. Rio de Janeiro, Zahar Editores. 2006.

Quijano, Aníbal. (2009). Colonialidade do poder e classificação social. In: Santos, B. de S. & Meneses, M. P. (Org.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Edições Almedina.

RIBEIRO, Fabrício Américo. Espaço e Estratégia Geoeducacional na Cooperação Sul-Sul: Uma Análise dos Projetos das Universidades de Integração Internacional – Unila e Unilab. 2016. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.

ROBERTS, Célia; CONNELL, Raewyn. Feminist theory and the global South. *Feminist Theory*, v. 17, n. 2, p. 135-140. 2016.

ROKAY, Moska. Critical Ethnography As an Archival Tool: A Case Study of the Afghan Diaspora in Canada. *Archivaria* 91 (June), p. 176-201. 2021.

ROSENBERG, Alex. *Introdução à filosofia da ciência*. 2 ed. São Paulo: Loyola. 2013.

SABEA, Hanan; BEIGEL, Fernanda. Introdução. In: Beigel, F. & Sabea, H. (Coord.). *Dependencia Académica y Profesionalización en el Sur: perspectivas desde la periferia*. Mendoza: EDIUNC; Rio de Janeiro: SEPHIS. 2014.

SALATINO, Maximiliano. Más allá de una epistemología desde el Sul. *Revista de Filosofía*, v. 77, p. 61-64. 2014.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Introdução a uma Ciência Pós-Moderna*. 6. ed. Porto: Afrontamento. 1989b.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, v. 63, p. 237-280, out. 2002.

**UMA CRÍTICA DECOLONIAL NO CONTEXTO DE UMA
UNIVERSIDADE ORIENTADA PARA A COOPERAÇÃO SUL-SUL:
UM ESTUDO ETNOGRÁFICO INSTITUCIONAL**

SANTOS, Boaventura de Sousa. (2007a). Para além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 78, 3-46.

SANTOS, Boaventura de Sousa. (2007b). *Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social*. São Paulo: Boitempo Editorial.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Um Ocidente Não Ocidentalista?: a filosofia à venda, a douda ignorância e a aposta de Pascal. In: Santos, B.de S. & Meneses, M. P. (Org.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Edições Almedina. 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Epistemologies of the South and the future. *From the European South: a Transdisciplinary Journal of Postcolonial Humanities*, v. 1, p. 17-29. 2016.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Decolonising the university: The challenge of deep cognitive justice*. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing. 2017.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul*. Belo Horizonte, MG: Autêntica. 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. Introdução. In: Santos, B. de S. & Meneses, M. P. (Org.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Edições Almedina. 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa; ARAÚJO, Sara; BAUMGARTEN, Maíra. As Epistemologias do Sul num mundo fora do mapa. *Sociologias*, Porto Alegre, v. 18, n. 43, p. 14-23, set./dez. 2016.

SANTOS, Cynara Fernanda Aquino dos; CORRÊA, Sérgio Roberto Moraes. Estudos decoloniais: pedagogias outras no contexto rural-ribeirinho amazônico. *Retratos da Escola*, v. 16, n. 36, p. 1051-1071. 2022.

SCHATZKI, Theodore R. *Social Practices. A wittgensteinian approach to human activity and the social*. Cambridge University Press. 1996.

SCHWARTZ, Joan M.; COOK, Terry. Archives, records and power: the making of modern memory. *Archival Science*, 2, 1-19. doi:10.1007/BF02435628. 2002.

SEMIGENA, Tetyana. Criticism of origin: is it possible to build a social robot. *Social Service and Education*, v. 9, n. 3, p. 405-421. 2022.

SIINER, Maarja. University administrators as forced language policy agents: An institutional ethnography of parallel language strategy and practices at the University of Copenhagen. *Current Issues in Language Planning*, v. 17, n. 3-4, p. 441-458. 2016.

SILVA, Maria do Socorro Maia. Repercussão dos resultados da Autoavaliação Institucional na Gestão da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira-UNILAB. 2016. Dissertação (Mestrado Profissional em Políticas Públicas e Gestão da Educação Superior) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. 2016.

**UMA CRÍTICA DECOLONIAL NO CONTEXTO DE UMA
UNIVERSIDADE ORIENTADA PARA A COOPERAÇÃO SUL-SUL:
UM ESTUDO ETNOGRÁFICO INSTITUCIONAL**

SILVERMAN, David. *Interpretação de dados qualitativos – Métodos para análise de entrevistas, textos e interações*. 3ª Ed. Tradução Magda França Lopes – Porto Alegre: Artmed. 2009.

SOARES, Maria Andrea dos Santos. On the Colonial Past of Anthropology: Teaching Race and Coloniality in the Global South. *Humanities*, v. 8, p. 88. 2019.

SOUZA, Osmaria Rosa; MALOMALO, Bas'ilele. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira e os desafios da integração perante o racismo contra os/as estudantes africanos/as no Ceará. *Interfaces Brasil/Canadá*, v. 16, p. 256 – 293. 2016.

STANEK, Marcin B. Decolonial education and geography: Beyond the 2017 Royal Geographical Society with the Institute of British Geographers annual conference. *Geography Compass*. v. 13. 2019.

STEIN, Sharon; ANDREOTTI, Vanessa Oliveira de. Decolonisation and higher education. In: M. Peters (Ed.), *Encyclopedia of educational philosophy and theory*. Singapore: Springer Science+Business Media. 2016.

STOLER, Ann Laura. *Along the archival grain: epistemic anxieties and colonial common-sense*. Princeton: Princeton University Press. 2010.

SUBRAMANIAM, Mangala; PERRUCCI, Roberto; WHITLOCK, David. Intellectual Closure: A Theoretical Framework Linking Knowledge, Power, and the Corporate University. *Critical Sociology*, v. 40, n. 3, p. 411-30. 2014.

THAMBINATHAN, Vivetha; KINSELLA, Elizabeth Anne. Decolonizing Methodologies in Qualitative Research: Creating Spaces for Transformative Praxis. *International Journal of Qualitative Methods*, 20. 2021.

UNILAB. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. Diretrizes Gerais. Redenção. 2013.

VAN MAANEN, John. *Tales of the field: On writing ethnography*. Chicago: The University of Chicago Press. 1988.

VASCONCELOS, Francisco Thiago Rocha; MARIZ, Silvana Fernandes. O 'Projeto Unilab' em disputa: avanços e contradições de uma comunidade universitária. *Tempos Históricos*, v. 26. p. 30-63. 2022.

YOUNG, Robert J. C. Postcolonialism: An historical introduction. *Critical Ethnic Studies*, v. 1, n. 1, p. 56-67. 2001.

UMA CRÍTICA DECOLONIAL NO CONTEXTO DE UMA
UNIVERSIDADE ORIENTADA PARA A COOPERAÇÃO SUL-SUL:
UM ESTUDO ETNOGRÁFICO INSTITUCIONAL

Autor correspondente:

Fabiana Pinto de Almeida Bizarria

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC/MG

R. Dom José Gaspar, 500 - Coração Eucarístico, Belo Horizonte/MG, Brasil CEP 30535-901

bianapsq@hotmail.com

Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da licença Creative Commons.

